

A Comunicação a Partir do Humano e do Material: o conceito de tecnologia em Álvaro Vieira Pinto e implicações para as teorias da comunicação¹

Rafael Grohmann²

Universidade de São Paulo / Faculdade Cásper Líbero / FIAM-FAAM – Centro
Universitário, São Paulo, SP

Resumo

O artigo discute o conceito de tecnologia na obra do filósofo Álvaro Vieira Pinto em escritos da década de 1970 como uma tentativa de compreender a comunicação a partir do humano e do material. Então, procura compreender suas implicações para as teorias da comunicação a partir de aproximações e distanciamentos teórico-epistemológicos com outras correntes e autores em tempos de valorização das “coisas”, do “pós-humano” e do “imaterial”.

Palavras-chave: comunicação; humano; material; tecnologia; teorias

Introdução

O campo da comunicação, como qualquer campo científico ou social (Bourdieu, 1983), é alvo de disputas e conflitos em busca de uma hegemonia teórica em determinado tempo e espaço. Uma pergunta central no debate teórico e epistemológico da comunicação é: afinal, o que é comunicação?

As definições sobre “o que” e “como” pesquisar, incluindo os objetos e problemas de pesquisa passam por essa indagação e como se responde a ela. Ou seja, delineiam-se rumos teórico-conceituais e metodológicos para o campo. Esse “lugar de disputas” passa por dimensões simultâneas, a saber, epistemológicas e políticas. Por um lado, os debates epistemológicos têm se consolidado no campo a partir de debates em congressos, seminários e revistas científicas. Por outro, há de se ter em mente, como afirma Muniz Sodré (2012) que o prestígio do campo comunicacional não se dá a partir da “objetividade” do conhecimento gerado, mas a partir da produção de valor social, cultural e político.

A comunicação, pois, é considerada atualmente um lugar central de mobilização de saberes das diversas ciências em tempos de “financeirização da comunicação” (Sodré, 2014). Ou seja, “hoje, é grande o consenso quanto ao fato de que a comunicação, em sua prática, é a ideologia mobilizadora de um novo tipo de força de trabalho, correspondente à etapa presente de produção das mercadorias por comando global” (Sodré, 2014, p. 85).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP. Professor dos cursos de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e do FIAM-FAAM – Centro Universitário. Membro do Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA/USP) e do Grupo de Pesquisa Teorias e Processos da Comunicação (FCL). E-mail: rafael-ng@uol.com.br

Diante disso, é central que o pesquisador tenha (cons)ciência de seu papel e das consequências de seus posicionamentos e escolhas.

A partir desse cenário, objetivamos pensar o conceito de comunicação a partir do humano e do material tomando por base o conceito de tecnologia em Álvaro Vieira Pinto (2005a; 2005b). Embora este filósofo carioca tenha escrito o livro em 1973 e morrido em 1987, sua contribuição teórica é essencial para reflexão sobre a comunicação em tempos onde: a) a tecnologia, por vezes, é pensada ou com o máximo de felicidade ou com apenas a carga de pessimismo, sem dar lugar às contradições; b) tem-se pensado a comunicação justamente a partir das “coisas”, do “pós-humano” e do “imaterial”. Com isso, tomamos o cuidado para não naturalizar ou fetichizar os conceitos (Gusmão, 2012)

O Conceito de Tecnologia em Álvaro Vieira Pinto

Álvaro Vieira Pinto não foi um pensador do campo da comunicação *stricto sensu*, mas um filósofo preocupado com o desenvolvimento nacional autônomo e, com seus escritos, nos auxilia a teorizar a comunicação atualmente. Um dos exemplos é o seu embate com a cibernética e a teoria matemática da informação. Em sua visão, não podemos apenas importar conceitos “de fora”, mas observar como eles importam para compreender a realidade brasileira. Isto é, trata-se de conceber a tecnologia a partir das “epistemologias do sul” (Santos; Menezes, 2010).

O que ele nos provoca a refletir, então, é: como compreender a comunicação a partir do contexto do hemisfério sul, considerando as especificidades sociais, culturais, políticas e também comunicacionais? Isso evita o perigo de essencializar as tecnologias e a comunicação, considerando as desigualdades e diferenças dos contextos comunicacionais e tecnológicos (Canclini, 2005; Morley, 2015).

Do ponto de vista teórico, Vieira Pinto foi influenciado principalmente pelo materialismo histórico-dialético de Karl Marx, com pitadas de Heidegger e Sartre. Além disso, foi considerado um dos “mestres” de Paulo Freire. Alguns de seus livros são “Consciência e Realidade Nacional” e “A sociologia dos países subdesenvolvidos”, além dos dois volumes de “O conceito de tecnologia”, livro sobre o qual nos debruçaremos nesse artigo. O autor o escreveu no ano de 1973, mas os manuscritos só foram recuperados após a sua morte e publicados no ano de 2005.

Mais do que Heidegger, é Marx a principal influência de Vieira Pinto (2005a) no livro. Ele concebe a técnica e a tecnologia – esta tomada como uma “epistemologia da

técnica” – a partir do materialismo histórico, o que tem como pressuposto um olhar dialético. “Só a dialética material e histórica permite apreender a gênese do homem, porque explica sua condição de ser social” (Pinto, 2005a, p. 189-90). As contradições são inerentes aos movimentos históricos da sociedade: nem só emancipação nem apenas dominação, nem as “mil maravilhas” nem o “maior pesadelo do universo”. Não se trata, então, de celebrar nem de demonizar as tecnologias, mas de compreendê-las em suas contradições e possibilidades na vida real. A partir disso, o ponto de partida de Vieira Pinto é entender a tecnologia a partir do sujeito social e do trabalho humano.

Marx (2011), nos *Grundrisse*, já colocava que o processo de produção do capital é também um processo tecnológico, a partir do que ele chama de “maquinaria”. Entretanto, nem a máquina nem a natureza são protagonistas do processo, mas o trabalho humano.

A natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. Elas são produtos da indústria humana; material natural transformado em órgãos da vontade humana sobre a natureza ou de sua atividade na natureza. Elas são órgãos do cérebro humano criados pela mão humana; força do saber objetivada (...). Até que ponto as forças produtivas da sociedade são produzidas, não só na forma do saber, mas como órgãos imediatos da práxis social; do processo real da vida (Marx, 2011, p. 589).

Ou seja, a tecnologia é parte da práxis social, não se tratando de uma idealização ou de um dever-ser: o que importa é o plano material.

Vieira Pinto (2005a), então, coloca que “toda possibilidade de avanço tecnológico está ligada ao processo de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, a principal das quais cifra-se no trabalho humano” (Pinto, 2005a, p. 49). Para o autor, os estudos de tecnologias devem considerar a historicidade constitutiva do homem. O ser humano hominiza-se pelas capacidades das atividades de comunicação e trabalho (Figaro, 2014b). A comunicação e as tecnologias estão indissolúvelmente ligadas aos processos produtivos enquanto categorias que constituem os processos sociais. Vieira Pinto (2005a) afirma que o trabalho pode ser definido como um fenômeno total da sociedade, pois a revela em todos os aspectos. Aliás, as tecnologias são inventadas para atender às necessidades humanas, para aliviar o trabalho humano. “Os homens nada criam, nada inventam nem fabricam que não seja expressão das suas necessidades, tendo de resolver as contradições com a realidade” (Pinto, 2005a, p. 49).

O homem é o único animal capaz de produzir e também produz a si mesmo. Para Vieira Pinto (2005a), ele, simultaneamente, se constitui em “animal técnico”: “a técnica está presente por definição em todo ato humano” (Pinto, 2005a, p. 62). Contudo, a técnica é

subordinada ao humano, pois a História não é produto da técnica nem a técnica pode ser considerada como motor do processo histórico. “A palavra ‘técnica’ desligada da essencial relação com o trabalho humano, em sua expressão mais geral, permanece no plano da abstração, no estado de ideia entificada” (Pinto, 2005a, p. 177).

Com isso, o autor vai contra uma “substantivação da técnica”, que a essencializa e oculta o papel do homem em sua produção, “como se as máquinas não fossem um dado da cultura, não tivessem origem e caráter social, mas surgissem espontaneamente e trabalhassem sozinhas” (Pinto, 2005a, p. 180). Fica evidente, então, que Vieira Pinto (2005a) defende uma concepção humanística da técnica contra uma concepção naturalista da máquina, pois em nenhum momento as máquinas se desligam dos homens. Por exemplo, “os chamados ‘cérebros eletrônicos’ são apenas eletrônicos. O cérebro está em outro lugar, na cabeça dos inventores e construtores” (Pinto, 2005a, p. 93).

Tanto as tecnologias são um produto da cultura humana que até os algoritmos são frutos do trabalho humano, acumulado ao longo dos tempos. Não existiriam iPhones e Google Glasses se não fosse o desenvolvimento histórico tecnológico da sociedade humana. As técnicas não ficam imóveis e avançam principalmente por causa do acúmulo de bagagem provenientes da cultura e do trabalho. Esquecer a História é um passo para produzir teorias que refletem as condições hegemônicas da sociedade, tal qual Ampuja (2015) afirma sobre a “mídiatização da teoria social”.

Por isso, Vieira Pinto (2005a) ignora a existência de uma “era” ou “explosão tecnológica”, pois o homem sempre produziu novas técnicas e tecnológicas – esta pretensa “era”, então, deveria se referir a toda e qualquer época da história. Do mesmo modo, critica o conceito de “sociedade do consumo”, já que, para ele, todas as sociedades foram do consumo, inclusive as comunidades pré-históricas. Então, ao rechaçar expressões como “explosão tecnológica”, Vieira Pinto criticava em 1973 o que é considerado “novo” em 2015. Para o autor, expressões como essas podem ser consideradas uma “importantíssima arma do arsenal dos poderes supremos”, como uma ideologia mobilizadora dos saberes para reforçar estruturas de poder – tema este que voltaremos adiante.

O conceito de comunicação também é problematizado pelo autor, não só o de tecnologia. Inclusive, chega a falar do ponto de partida de uma “teoria da comunicação”: a comunicação como ligada às formas superiores de organização do material, como um traço distintivo do homem e “que nada tem a ver com o sensacionalismo das descobertas atuais da ‘informática’”. Sem partir dessa concepção inicial, dificilmente conseguiremos esclarecer

qualquer problema da teoria da comunicação” (Pinto, 2005b, p. 479). A comunicação, então, pode ser definida como uma relação que se dá por meio da atividade humana.

As “coisas” (como os autômatos), então, não comunicam, pois não possuem existência e convivência social e, portanto, não trabalham. No segundo volume, o autor critica principalmente Marshall McLuhan (1969) e a teoria matemática da informação, afirmando lhes faltar uma perspectiva dialética não idealista. Ao colocar o “meio” e a “informação” como centrais em suas teorias, acabam por não ter uma visão sobre o sujeito social. Por isso, segundo o autor, “não conseguem apreender na comunicação um existencial do homem, um traço distintivo, exatamente aquele pelo qual se assinala e identifica sua separação do ‘reino animal’” (Pinto, 2005b, p. 478).

Considerar o homem por inteiro como o centro da teoria da comunicação significa, desde já, distanciar-se de processos comunicacionais lineares e deterministas. Na década de 1970, Vieira Pinto (2005a) já colocava o homem perante às tecnologias não como somente um “ser emissor” ou um “ser receptor”, mas como “sujeito social”. “A unidade de conteúdo e forma na tecnologia exprime o caráter dialético do processo em que o homem figura ao mesmo tempo como autor e receptor dos bens culturais e econômicos produzidos” (Pinto, 2005a, p. 283). É na inter-relação com as tecnologias (enquanto ação e recepção) que o homem produz e é produzido.

Isso é pensar as tecnologias a partir dos processos comunicacionais eles próprios a partir da circulação, cujas condições de produção e consumo estão materializadas nas mensagens, nos sujeitos sociais e nos dispositivos. Não se trata de fracionar o sujeito em caixinhas e limites entre as diversas nomenclaturas existentes para ser “receptor”, como comenta Scolari (2009) acerca do taylorismo digital em volta da nomenclatura “usuário”, em que os sujeitos são reduzidos aos seus “usos” e “cliques”.

As tecnologias, então, servem às necessidades dos seres humanos, enquanto produção e desenvolvimento científico, funcionando, portanto, como uma “mediação” entre o homem e a natureza. A técnica, então, por um lado, pode gerar transformações, sobretudo na introdução de novas máquinas, que modificam os processos produtivos. Mas, em hipótese nenhuma, ela pode ser agente própria de qualquer ação, pois deriva do conhecimento de humano e “pertence ao sujeito real, o homem, ou seja, em termos sociais, às massas trabalhadoras” (Pinto, 2005a, p. 174). Dessa forma, uma verdadeira mudança somente aconteceria com a transformação das condições sociais, principalmente das classes trabalhadoras. O recado de Álvaro Vieira Pinto é claro: sozinha, a tecnologia não

transforma nada. Por isso, o autor se afasta tanto dos pressupostos de que a máquina domina o Homem como dos que creem que ela salva³ a humanidade.

Chegam até a infundir no trabalhador a esperança de obter das próprias máquinas a ‘salvação’, quando desviam a atenção dele das coisas fundamentais que deve exigir e o fazem reclamar, como solução perfeita para as dificuldades de sua existência, melhorias ‘trabalhistas’ das técnicas, da legislação, sempre ditada pela classe possuidora das fábricas, do instrumental e dos locais de trabalho (Pinto, 2005a, p. 168)

Com isso, Vieira Pinto reivindica uma concepção de comunicação e de tecnologia que pense a mudança social a partir das classes sociais e suas lutas. Afinal, as tecnologias são produzidas e consumidas de forma desigual – que não é sinônimo de “diferente” (Canclini, 2005) – pelas diferentes classes. Como afirma Pinto (2005b, p. 620), “a expressão ‘transferir as honras para as máquinas’ de fato quer dizer transferi-las para a classe dominante, a proprietária das matérias-primas”.

Por isso, devemos olhar para a comunicação e as tecnologias a partir da “teoria do valor” (Marx, 1980) questionando as formas de exploração das classes trabalhadoras em relação às tecnologias, pois “as relações de exploração de classe são determinadas pelo modo de extração de trabalho excedente dos produtores diretos” (Saad-Filho, 2011, p. 64) : as tecnologias servem a quem? Como é produzido seu valor? Como são as condições de trabalho dos trabalhadores que produzem essas tecnologias enquanto “classe-que-vive-do-trabalho” (Antunes, 2001) propriamente?

Portanto, as classes sociais não somem com a comunicação contemporânea (Murdock, 2009) e a internet. Apenas se metamorfoseiam, pois as tecnologias não se movem deslocadas da sociedade. Como diz Pinto (2005a, p. 87-88),

as classes poderosas sempre tiveram ao seu dispor servomecanismos, fossem eles o escravo dos faraós e dos sátrapas, o cavalo dos barões feudais ou os engenhos mecânicos, agora aperfeiçoados com caráter eletrônico e autonomizados (...). Muito daquilo agora dito por uma nova ciência, a cibernética, na verdade sempre existiu, apenas com outros nomes, porém com a mesma função essencial em relação ao homem.

Em suma, o que Álvaro Vieira Pinto nos convoca a pensar é a comunicação e a tecnologia: a) de forma dialética, a partir das condições materiais de vida e como produto do trabalho humano, o que implica confrontá-la com uma visão idealista de comunicação ou que pense a “materialidade” apenas como sinônimo de dispositivo midiático; b) a partir das lutas de classes e as desigualdades provenientes, considerando produção de mais-valia e exploração; b) analisando as possibilidades de transformação social a partir da realidade

³ Verbos estes – “dominar” e “salvar” – carregados de sentidos teóricos e políticos.

histórica com vistas à emancipação das classes trabalhadoras e à autonomia das realidades nacionais, considerando, assim como Losurdo (2015), as “lutas nacionais” como uma forma da luta de classes.

Pois analisar a realidade tecnológica a partir dos sujeitos sociais e da circulação (dos processos comunicacionais e do capital) no Sul não é a mesma coisa que teoriza-la a partir da Europa, pois as espacialidades e o atravessamento de forças advindos de posições geopolíticas produzem sentido para o campo da comunicação (Figaro; Grohmann, 2015; Morley, 2015), pois na América Latina também se produz conhecimento teórico sobre a comunicação, e muitas vezes, para confrontar hegemonias de fora. A partir disso, a contribuição de Álvaro Vieira Pinto para o campo da comunicação deve ser analisada com olhos no futuro, não como peça estanque de um museu. Como, então, podemos localizar seu pensamento dentre autores e correntes teóricas que tem pensado a comunicação atualmente?

Implicações teóricas para a Comunicação: aproximações e distanciamentos

Localizar o autor em um campo científico, ou seja, seu lugar, nos termos de Bourdieu (1983) significa compreender não somente seus posicionamentos, mas seus possíveis diálogos teóricos, nem sempre concordantes, o que nos faz refletir sobre distanciamentos e proximidades, como diálogos imaginários, tanto frente às implicações teóricas para a comunicação daqui para frente quanto para a compreensão das raízes desse mapa científico.

Uma questão de fundo epistemológico é: como se problematizam os sujeitos? Vieira Pinto (2005a; 2005b) os concebe, como já vimos, a partir do marxismo, principalmente a partir da “ontologia do ser social” proveniente do materialismo histórico-dialético. Não se trata de um indivíduo liberal nem um sujeito assujeitado, mas de alguém que é, ao mesmo tempo, individual e social. Segundo Lukács (2012, p. 27), “a indagação acerca da especificidade do ser social contém a confirmação da unidade geral de todo ser e simultaneamente o afloramento de suas próprias determinidades específicas”. Isto equivale considerá-los tanto “produtores de suas representações, de suas ideias (...) [quanto] condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde” (Marx; Engels, 2007, p. 94).

Parte-se, então, dos sujeitos ativos, reais, da vida concreta e prática para a compreensão da realidade. De acordo com Marx e Engels (2007, p. 534), “toda vida social é

essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem a teoria ao misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática”. Por isso a importância da *práxis* em sentido tanto objetivo quanto subjetivo, pois o que interessa a essa concepção de “ser social” é o primado das relações. São nas relações e conexões entre “sujeito/ ser” e “objeto/ mundo” que se encontram a chave para a compreensão da realidade, bem como suas contradições, como criação e alienação. É então, essa *práxis* social que, segundo Figaro (2014a, p. 4), “faz do sujeito um ser de comunicação. É um processo que se retroalimenta, numa dinâmica que se explica na ontogênese e na filogênese humana”.

Portanto, uma teoria da comunicação marxista deve considerar a comunicação como prática material, “que o trabalho e a linguagem são mutuamente constituídos, e que comunicação e informação são instâncias dialéticas da mesma atividade social, a construção social de sentido” (Mosco, 2009, p. 44). É com esse pano de fundo epistemológico que Álvaro Vieira Pinto trabalha a sua noção de tecnologia e que permite ver a sua localização no campo.

Uma questão recorrente no campo da comunicação, especialmente entre os pesquisadores de teoria e epistemologia da comunicação é: “o que é especificamente comunicacional” (Signates, 2013) em determinado autor ou conceito? Compreendemos que a comunicação possui seu olhar e seu ponto-de-vista próprio, mas sempre em uma ressignificada articulação com discursos de outros campos, ressignificações estas que, segundo Baccaga (1998, p. 103), “redundam, obviamente, em novas posturas epistemológicas, a partir das quais se procurará dar conta da efetividade dos processos comunicacionais”. Sem esse diálogo, e somente em busca de um hipotético saber puramente comunicacional, estaremos construindo uma ciência estéril.

Uma das críticas recorrentes é a de que tal autor ou trabalho seria “sociologizante”, de modo pejorativo, crítica essa que poderiam fazer no campo da comunicação a Álvaro Vieira Pinto (2005a, 2005b), por exemplo. Mas o que seria pensar as interações, as relações de comunicação sem levar em conta a sociedade onde se vive? Como diz Wolton (2003, p. 16), “não há teoria da comunicação sem uma teoria implícita, ou explícita de sociedade”. Ou seja, mesmo quando ela não é teorizada explicitamente, há concepções de poder e sociedade envolvidas. Afinal, se produz ciência a partir de determinado lugar, ponto-de-vista e temporalidade. Como afirma Lukács (2012, p. 293), “a ciência brota da vida, e na vida mesma – saibamos ou não, queiramos ou não – somos obrigados a nos comportar

espontaneamente de modo ontológico”. E precisamente as contribuições de Vieira Pinto ao campo da comunicação passam por conceber a comunicação a partir dessa realidade concreta e material do sujeitos. Com isso, de quais perspectivas ele se afasta?

Primeiramente, como já afirmado, ele se afasta da cibernética, criada na segunda metade da década de 1940 por Norbert Wiener (1940), que pensava em um mundo maquínico automatizado, “moralmente muito superior ao tradicional, em que o homem deixa de ser sujeito, com todos os males que daí nascem, para se tornar o fluído ou embreagem angelical de um só e vasto maquinismo” (Rüdiger, 2011a, p. 109). Isto é, na cibernética, a máquina é o central, com a sociedade sendo somente “um conjunto de circuito e canais” (Rüdiger, 2011a, p. 110). O que podemos ver, então, é que há também aí uma concepção de sociedade, mas uma concepção negativa do próprio ser humano e de suas possibilidades de transformação, onde o sujeito desaparece frente às máquinas. Nesse sentido, consideramos que, assim como Marx, Vieira Pinto (2005a; 2005b) era um humanista otimista em relação a essas possibilidades de transformação. Toma-se, então, na cibernética, assim como na teoria matemática da informação (Weaver, 1978), a comunicação a partir da mera transmissão ou informação, o que vemos não ser o caso em Vieira Pinto (2005a; 2005b).

Assim como a cibernética, Marshall McLuhan (1969) pode ser considerado devedor do “paradigma midiológico”, segundo Rüdiger (2011b), ou *medium theory*, considerando o “meio” como a questão central para a comunicação, reduzindo, então a questão comunicacional aos meios técnicos, aparatos midiáticos e dispositivos tecnológicos. Os meios de comunicação, então, “tornam-se o conteúdo dos que surgem mais tarde e (...), por essa via, eles definem o modo de ser do mundo” (Rüdiger, 2011b, p. 131). Isto é, então, uma abordagem determinista e não-dialética da realidade em prol de uma materialidade que não é a mesma reivindicada por Vieira Pinto (2005a; 2005b), que é a materialidade/concretude da vida social, mas a materialidade enquanto “pele” (Kherckhove, 2006), por exemplo, dos dispositivos midiáticos.

O que os rege é que o ser humano deixa de ser o cerne das concepções teóricas para conceber o meio e a máquina, tal qual no exemplo do “cérebro eletrônico” que Vieira Pinto (2005a) rebateu. Como se fossem fios de um mesmo novelo de lã da problemática da cibernética, há a questão do pós-humanismo, trazida, entre outros, por Katherine Hayles (1999) e no Brasil, por Santaella (2007), que diz:

o sema comum que as une encontra-se no hibridismo do humano com algo maquínico-informático, que estende o humano para além de si. Assim, a condição pós-humana diz respeito à natureza da virtualidade, genética, vida inorgânica, ciborgues, inteligência distribuída, incorporando biologia, engenharia e sistemas de informação (Santaella, 2007, p. 129)

Por definição, a concepção de comunicação a partir do humano em Vieira Pinto (2005a; 2005b) se contrapõe ao pós-humanismo, pois acha que não se pode haver fusão do homem com algo maquínico, pois este foi pensado pelo próprio ser humano. Em alguma medida, seguindo o pensamento do filósofo brasileiro, os pós-humanistas possuem, em alguma medida, uma concepção linear da História e, principalmente os trabalhos mais “celebratórios” e acríticos em relação às tecnologias se esquecem de que quem as produzem são os próprios homens, pois a ciência produzida a partir da biologia, da engenharia e dos sistemas de informação, por exemplo, são realizadas pelo trabalho humano, e não por ciborgues. Aliás, o fato de colocarmos a centralidade na pós-humano auxilia a ocultar a importância dessa “inteligência distribuída” para o capitalismo e sua produção de valor. Como afirma Rüdiger (2011a, p. 214), “estamos em meio agora a uma onda pós-humanista, cuja força e interesse, notamos, provêm do fato de estar parcialmente encaixado nas engrenagens empresariais e tecnológicas que estruturam nossa civilização” (Rüdiger, 2011a, p. 214)

Por isso, a partir de Vieira Pinto (2008), vemos como a louvação da técnica e dos tecnocratas nos levam a ocultar a dimensão política da técnica, pois os dispositivos não são meras técnicas e, aliás, revelam relações de poder. Por isso, concepções midiacêntricas, cibernéticas e pós-humanistas se revelam ajustadas às prescrições hegemônicas, representando a face comunicacional ajustada do “*cool capitalism*” (McGuigan, 2009). Segundo Muniz Sodré (2002, p. 22),

a astúcia das ideologias tecnicistas consiste geralmente na tentativa de deixar visível apenas o aspecto técnico do dispositivo midiático, da ‘prótese’, ocultando a sua dimensão societal comprometida com uma forma específica de hegemonia, onde a articulação entre democracia e mercadoria é parte vital de estratégias corporativas. Essas ideologias costumam permear discursos e ações de conglomerados transnacionais e de ideológicos dos novos formatos de Estado (Sodré, 2002, p. 22).

Sodré (2002), nesse sentido, concorda com Vieira Pinto (2005a; 2005b), para quem os processos comunicacionais não podem ser deslocados do modo de produção capitalista. O finlandês Marko Ampuja (2015) pensa o mesmo. Em sua crítica aos autores que prometem o “sublime digital” e, nesse caso, principalmente Manuel Castells, Ampuja (2015) afirma que, em uma perspectiva crítica, “a emancipação depende não da

transformação das estruturas tecnológicas, mas mais propriamente da transformação dos sistemas políticos e estruturas de poder privado dentro das quais aquelas estão incorporadas” (Ampuja, 2015, p. 66). Por isso, considera que as análises centradas somente nos aparatos técnicos “deveriam ser tratadas com suspeitas” (Ampuja, 2015, p. 66).

Além das abordagens aqui já tratadas, a concepção de comunicação proposta por Álvaro Vieira Pinto (2005a; 2005b) também se distancia de duas abordagens atuais e recorrentes no campo da comunicação, sobre as quais, entretanto, abordaremos brevemente, mais com o intuito de início do que esgotamento da discussão, que merecem, certamente, um artigo para análise de cada abordagem. São elas: a teoria-ator rede de Bruno Latour (2009; 2012) e o marxismo autonomista, principalmente italiano, presente em autores como Negri e Hardt (2005) a partir da questão do “imaterial”⁴.

Na teoria ator-rede de Bruno Latour (2009; 2012) – aliás, com muita circulação no Brasil atualmente – em sua tentativa de reposicionar o social a partir das associações e dos actantes, a argumentação é mais refinada em relação à discussão sobre o pós-humano, pois ele não entende que os humanos seriam substituídos por máquinas. Para ele,

como ele poderia ser ameaçado pelas máquinas? Ele as criou, transportou-se nelas, repartiu nos membros das máquinas seus próprios membros, construiu seus próprios membros, construiu seu corpo com elas. Como poderia ser ameaçado pelos objetos? Todos eles foram quase-sujeitos circulando no coletivo que traçavam. Ele é feito destes objetos, tanto quanto estes são feitos dele. Foi multiplicando as coisas que ele definiu a si mesmo (Latour, 2009, p. 136).

Ou seja, há uma valoração do “humano”, mas nem tanto. O homem não é “ameaçado” pelas máquinas, mas, para o autor, devemos considerar que a sociedade e o social não existem e “precisam ser traçados por meio de mudanças sutis na conexão de recursos não sociais” (Latour, 2012, p. 61). Isto é, considera-se que as ciências humanas colocaram por muito tempo o “ser humano” como centro das atenções e não se deram conta dos “híbridos” e de que os seres humanos também são “feitos de objetos”.

Esse tipo de pensamento é trazido ao Brasil principalmente a partir de André Lemos (2013), em “A Comunicação das Coisas”. Para ele, “humanos comunicam. E as coisas também. E nos comunicamos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não” (Lemos, 2013, p. 19). Cabe salientar que, em Lemos (2013), como em Latour (2012), não há uma desvalorização total do ser humano, pois considera, por exemplo, que “a mediação com não-humanos é parte constitutiva do humano” (2013, p. 21). Entretanto, há

⁴ Poderiam entrar outras abordagens, como a “tecnoutopia liberal humanista” (Rüdiger, 2011a) de Pierre Lévy (1999; 2014) e suas concepções de “inteligência coletiva” e “esfera semântica”, mas que, por falta de espaço, fica a reflexão para outro momento.

uma equalização de importância entre “sujeitos” e “objetos” como híbridos, com as coisas possuindo a capacidade de se comunicar, e a comunicação estão na materialidade dos dispositivos (Lemos, 2013, p. 22), não na materialidade da vida social, como Vieira Pinto (2005a; 2005b) traz a partir da concepção marxista. É, então, essa tentativa de igualdade que distancia a teoria ator-rede da obra de Vieira Pinto, pois este não enxerga “sujeitos” e “objetos” como “híbridos”, embora, como já afirmado a partir da “ontologia do ser social” marxiana, confere-se prioridade às relações⁵, mas considerando o “sujeito social” como central.

Então, Vieira Pinto (2005a) se distancia dessa abordagem justamente por crer que o sujeito social, é sim, “o senhor da situação”, pois as coisas podem até fazer “coisas”, mas não possuem convivência social nem trabalham e que os *gadgets*, afinal, são produzidos por seres humanos. Isso não é, de forma alguma, desconsiderar que os dispositivos fazem parte do cotidiano humano, pois ela é também parte integrante da práxis social, mas, a partir do autor, não se pode igualar a “ontologia do ser social” a uma “ontologia digital” ou dos objetos, por exemplo⁶.

Outra abordagem presente nas ciências humanas e que possui algum nível de ressonância no campo da comunicação é a de Negri e Hardt (2005), por exemplo, a partir da questão do “imaterial”⁷. Negri é filiado ao chamado marxismo autonomista na Itália e possui influências de Espinosa⁸, principalmente em relação à questão do “desejo de potência” em seus conceitos.

O conceito de “trabalho imaterial” aparece em “Multidão” para abordar como esse tipo de trabalho estaria suplantando o chamado “trabalho industrial”. Para Negri e Hardt (2005), o trabalho imaterial serve para produzir cooperação, comunicação e relações sociais: “a produção de comunicação, relações afetivas e conhecimentos em contraste com carros e máquinas de escrever, é capaz de expandir diretamente o campo do que

⁵ Há, certamente, muitas divergências entre a concepção de “relações” a partir da ontologia do ser social e do conceito de “associações” a partir da teoria-ator rede, mas há que se considerar que pode ser um bom ponto de aproximação esse trecho de Lemos (2013, p. 24): “a Internet emancipa ou é totalitária? (...) O Twitter é pura emulação de pensamentos imperfeitos ou ferramenta revolucionária? Eles não são nem coisa nem outra, podendo ser uma coisa ou outra a depender da associação em jogo”. Há questões epistemológicas divergentes; no entanto, pensar as tecnologias e suas contradições a partir do mundo concreto e real – sem idealizações – faz parte do projeto de Álvaro Vieira Pinto (2005a; 2005b).

⁶ Também para Dominique Wolton (2010, p. 42), “falar de ‘comunicação entre objetos’ (...) supõe colocar uma cruz em cima da comunicação humana”.

⁷ Tema também caro a autores como André Gorz e Maurizio Lazzarato. Este último também problematiza a relação “homem-máquina” no livro “Signos, máquinas, subjetividades” (Lazzarato, 2014), mas não o problematizaremos neste momento.

⁸ O autor holandês também influenciou uma série de filósofos, inclusive o francês Gilles Deleuze.

compartilhamos” (Negri; Hardt, 2005, p. 156/157). Com isso, os trabalhadores seriam mais “autônomos” e não dependeriam de patrões. Então, estaríamos em um capitalismo de um novo tipo devido à imaterialidade dos produtos, da força de trabalho e da comunicação mesma. No entanto, não há trabalho nem comunicação que não tenha, ao menos, uma faceta material e que, portanto, é proveniente do humano – como defende Vieira Pinto (2005a; 2005b). Segundo Dantas (2012, p. 17-18)

o trabalho informacional é material, pois é transformação, pelo corpo humano e sua mente, através de próteses adequadas (ferramentas e tecnologias), de materiais portadores de signos que contém valor pelo signo que portam. Trabalho imaterial somente se for aquele feito por Deus no ato da criação... (Dantas, 2012, p. 17-18).

Então, um dos equívocos de Negri e Hardt (2005) é desconsiderar o trabalho humano em relação às tecnologias, além de descolar a questão do trabalho chamado imaterial de uma teoria do valor (Amorim, 2009; Jappe, 2006). A produção da mais-valia se metamorfoseia no capitalismo, mas não é enterrada: há uma reorganização da lógica de valorização do capital e da subordinação das classes trabalhadoras. “Mesmo se considerássemos a informação o subproduto do trabalho dito imaterial, ainda assim ela é constituída por tempo de trabalho explorado e não pago” (Amorim, 2009, p. 139). Žižek (2012) também critica os autores de “Império” e “Multidão” por se equivaler aos “ideólogos do capitalismo ‘pós-moderno’”, e portanto, ao que Vieira Pinto (2005a) coloca como ideólogos da “explosão tecnológica”, e por isso, salvadoras. Para Žižek (2012, p. 19), “o paradoxo é: o que Negri celebra como a única chance de superar o capitalismo, os ideólogos da ‘revolução da informação’ celebram como a ascensão do novo capitalismo ‘sem atrito’” (Žižek, 2012, p. 19).

Em suma, o que todas essas abordagens discutidas acima têm em comum, além de um distanciamento do posicionamento de Álvaro Vieira Pinto, é que, em maior ou menor grau, a cibernética, o pós-humanismo, as ideias de McLuhan, a teoria-ator rede e a obra de Antonio Negri possuem muito prestígio intelectual no campo da comunicação e suas ideias circularam ao longo dos últimos tempos. É importante frisar que não há, aqui, a intenção de deslegitimar a existência dessas teorias para a comunicação, pois é pela multiplicidade de teorias que se fortalece o campo. No entanto, certas hegemonias teóricas também ajudam a explicar como Vieira Pinto foi, por muito tempo, “esquecido” como um autor importante para a área. Precisamos pensar além de um *Zeitgeist* acadêmico, como se o autor de “ontem” não mais importasse no ritmo desse *cool capitalism* (McGuigan, 2009).

É de bom tom salientar que também há autores que se aproximam, em alguma medida, dos conceitos e ideias de Álvaro Vieira Pinto, vendo as tecnologias e a comunicação a partir do trabalho humano, da realidade concreta e material, das classes sociais e da teoria do valor. Podemos falar, a título de exemplo e em linhas muito gerais, de Huws (2014) analisando o cibertariado e os trabalhadores chamados “criativos” na economia digital global e de Fuchs (2014a; 2014b) buscando compreender questões de trabalho digital, redes sociais e internet, em geral, a partir de uma teoria marxista da comunicação. Contudo, Vieira Pinto é um dos poucos (e certamente um dos primeiros) a refletir a partir da realidade brasileira, trazendo um sentido de país à comunicação.

Referências

- AMORIM, Henrique. **Trabalho Imaterial: Marx e o debate contemporâneo**. São Paulo: Annablume, 2009.
- AMPUJA, Marko. A Sociedade em Rede, o Cosmopolitismo e o “Sublime Digital”: reflexões sobre como a História tem sido esquecida na teoria social contemporânea. **Revista Parágrafo**. V. 1, N. 3, 2015.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- DANTAS, Marcos. **Trabalho com Informação: valor, acumulação, apropriação nas redes do capital**. Rio de Janeiro: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, 2012.
- FIGARO, Roseli. A comunicação como processo de interação verbal e produção de sentidos. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2014, Foz do Iguaçu/PR. **Anais do Intercom 2014**. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014a
- FIGARO, Roseli. O campo da comunicação e a atividade linguageira no mundo do trabalho. **Revista Chasqui**. N. 126, outubro/2014b
- FIGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael. A recepção serve para pensar: é um ‘lugar’ de embates. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, 2015, Brasília/DF. **Anais da Compós 2015**. Brasília: Compós, 2015
- FUCHS, Christian. **Digital Labor and Karl Marx**. London: Routledge, 2014a.
- FUCHS, Christian. **Social Media: a critical introduction**. London: Routledge, 2014b..
- GUSMÃO, Luís de. **O Fetichismo do Conceito: limites do conhecimento teórico da investigação social**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.
- HAYLES, Katherine. **How We Became Posthuman**: Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- HUWS, Ursula. **Labor in the Global Digital Economy: the cybertariat comes of age**. New York: Monthly Review Press, 2014.
- JAPPE, Anselm. **As Aventuras da Mercadoria**. Lisboa: Antígona, 2006.
- KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.
- LATOURETTE, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.
- LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador/ Bauru. EDUFBA/EDUSC, 2012.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: N-1 edições, 2014.
- LEMOUS, André. **A Comunicação das Coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Edições 34, 1999.

- LÉVY, Pierre. **A Esfera Semântica**: tomo 1 – computação, cognição e economia da informação. São Paulo: Annablume, 2014.
- LOSURDO, Domenico. **A Luta de Classes**: uma história política e filosófica. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. **Teorias da mais-valia**: história crítica do pensamento econômico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: São Paulo: Boitempo, 2007.
- McGUIGAN, Jim. **Cool Capitalism**. London: Pluto, 2009.
- McLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORLEY, David. Televisão, Tecnologia e Cultura: uma abordagem contextualizada. **Revista Parágrafo**. V. 1, N. 3, 2015.
- MOSCO, Vincent. **The Political Economy of Communication**. London: Sage, 2009.
- MURDOCK, Graham. Comunicação contemporânea e questões de classe. **Revista MATRIZES**, São Paulo, v. 2 n. 2, p.31-56, 2009.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia – Volume I**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.
- PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia – Volume II**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.
- PINTO, Álvaro Vieira. **A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011a
- RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011b.
- SAAD-FILHO, Alfredo. **O Valor de Marx**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano – por que? **Revista USP**. São Paulo, n. 74, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Ed. Cortez, 2010.
- SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.
- SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade? In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (org.). **10 Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos, 2013, p. 19-29.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **Revista MATRIZES**. V. 5, n. 2, jan/jun. 2012, p. 11-27.
- SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- WEAVER, Warren. A matemática da comunicação. In: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 25-37.
- WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade**. São Paulo: Cultrix, 1967.
- WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- WOLTON, Dominique. **Informar Não é Comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- ŽIŽEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012.